

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura
e Sociedade (CPDA)**



**Relatório com as principais notícias divulgadas pela mídia relacionadas com a
agricultura**

Área Temática: Negociações Internacionais

Período de Análise: 01/12/2014 a 31/12/2014

Mídias analisadas:

Jornal Valor Econômico
Jornal O Globo
Jornal Estado de São Paulo
Sítio eletrônico do MDS
Sítio eletrônico do MDA
Sítio Eletrônico do MMA
Sítio eletrônico do INCRA
Sítio eletrônico da CONAB
Sítio eletrônico do MAPA
Sítio eletrônico da Agência Carta Maior
Sítio Eletrônico da Fetraf
Sítio Eletrônico da MST
Sítio Eletrônico da Contag
Sítio Eletrônico da CNA
Sítio Eletrônico da CPT
Carta Capital

Estagiária: Yohanan Barros

Índice

PAA desperta interesse de delegação basca – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 10/12/2014	3
Avanço da indústria de orgânicos nos EUA impõe novos desafios. Caelainn Barr e Rachel Graf – Valor Econômico, Agronegócios. 11/12/2014.....	3
Monsanto investirá US\$ 150 milhões no Brasil. Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 11/12/2014	5
Brasil questiona subsídios dos EUA para agricultura. Jamil Chade – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 15/12/2014.....	6
Agronegócio americano já vislumbra negócios com Cuba. Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 18/12/2014	7
Bayer CropScience deve lançar nova soja transgênica após aval da China. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 19/12/2014	8
Rússia vai impor tarifas sobre exportação de grãos. Dow Jones Newswires – Valor Econômico, Agronegócios. 22/12/2014	9
China libera transgênico da Syngenta. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 23/12/2014	9
Tarifa sobre exportação de trigo na Rússia será de 15%. Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 26/12/2014	10
China ainda resiste aos produtos transgênicos. Lucy Hornby – Valor Econômico, Agronegócios. 29/12/2014	10

PAA desperta interesse de delegação basca – Site da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB). 10/12/2014

Representantes de grupos agrícolas familiares do País Basco, região localizada no norte da Espanha, estiveram nesta quarta-feira (10) com técnicos da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) para conhecer o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). Eles vieram acompanhados de integrantes do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA/Via Campesina).

A intenção da comitiva é colher informações para orientar uma visita posterior, em abril do próximo ano, de uma delegação basca formada por representantes do governo local, de sindicatos e de camponeses ao Brasil. Na ocasião, o encontro será no campo, junto a núcleos da agricultura familiar do Nordeste.

Avanço da indústria de orgânicos nos EUA impõe novos desafios. Caelainn Barr e Rachel Graf – Valor Econômico, Agronegócios. 11/12/2014

A indústria de alimentos orgânicos dos Estados Unidos, de US\$ 35 bilhões, quase triplicou de tamanho ao longo dos últimos dez anos, desafiando a habilidade do Departamento de Agricultura americano (USDA) de monitorar mais de 25 mil fazendas e outras organizações que vendem animais de criação e produtos orgânicos.

Atualmente existem 81 "agentes certificadores" credenciados, ou grupos que cancelam os alimentos como orgânicos nos EUA. Mas dos 37 que passaram por uma completa avaliação este ano, 23 falharam na aplicação correta das exigências de certificação nas fazendas auditadas, de acordo com um relatório interno do USDA. As 23 firmas não conduziram de forma adequada inspeções nos locais ou não avaliaram de forma correta as solicitações de certificação orgânica, entre outras coisas, segundo o relatório.

Uma investigação à parte, conduzida pelo "The Wall Street Journal" em registros do USDA desde 2005, verificou que 38 dos 81 agentes certificadores falharam em pelo menos uma ocasião no cumprimento das regras do Departamento de Agricultura.

Nesse período, 40% desses 81 certificadores foram advertidos pelo USDA por conduzirem inspeções incompletas; 16% deles falharam na indicação do risco potencial de fazendas orgânicas usarem pesticidas e antibióticos proibidos; e 5% não preveniram sobre a possibilidade de se misturar produtos orgânicos e não orgânicos, conforme a investigação do WSJ.

Os agentes certificadores - entidades autorizadas pelo USDA para inspecionar e certificar fazendas orgânicas e fornecedores - incluem pequenos grupos sem fins lucrativos, agências estatais e grandes multinacionais. Todos são pagos pelas fazendas ou firmas que eles certificam.

O USDA afirmou que exige que os certificadores cumpram inúmeras exigências e que os problemas encontrados pelo WSJ e o relatório interno da agência refletem "um processo de credenciamento muito rigoroso que exige o cumprimento integral [dos padrões] e a correção de questões identificadas". Os que não cumprem as regras de conformidade, como os 23 citados neste ano, têm a chance de resolver o problema, mas

correm o risco de serem excluídos do programa de certificação se o problema não for resolvido.

O USDA acrescentou que seus certificadores estavam de acordo com 97% dos seus regulamentos.

Os produtos orgânicos podem custar até o dobro dos produzidos de forma convencional, mas, exceto pelas etiquetas que os identificam, os consumidores não têm como avaliar se são de fato orgânicos. As pessoas têm que confiar na garantia dada pelas empresas e pelos grupos sem fins lucrativos de que o alimento foi produzido em conformidade com as regulamentações federais.

"Toda a configuração do sistema precisa ser melhorada", diz Chenglin Liu, professor de direito da Universidade St.Mary, em San Antonio, no Texas, que estudou o sistema de certificação de orgânicos e levantou preocupações sobre o rigor dos agentes certificadores e a ausência de checagens frequentes por parte do Departamento de Agricultura desses certificadores. "Isso deixa muito espaço para erros."

Três agentes foram excluídos do setor de certificação pelo USDA entre os 100 que foram aprovados para operar como certificadores desde o início do programa, em 2002, de acordo com um porta-voz do USDA. "Nós usamos todas as ferramentas de execução que temos disponíveis, enquanto também trabalhamos com os parâmetros legais do sistema de direito administrativo", afirmou o porta-voz do USDA. "Qualquer questão de descumprimento, mesmo mínima, é corrigida."

O Whole Foods Market Inc., principal cadeia de supermercados de produtos orgânicos, acredita que o selo orgânico aumenta o nível de "integridade" para os varejistas e consumidores, diz Joe Dickson, coordenador sênior global de padrões de qualidade da empresa.

Dickson, que também integra o conselho nacional de padrões orgânicos do USDA, diz que o sistema vai melhorar quando a agência adotar um banco de dados em tempo real de operações orgânicas certificadas.

O USDA não possui atualmente um banco de dados centralizado das fazendas que foram suspensas. O USDA informou que está trabalhando para "ampliar a atualização e a precisão da nossa lista de operações certificadas" e que está desenvolvendo um novo sistema que vai "servir como uma lista modernizada de operações certificadas".

Esse sistema, segundo a agência, vai "fechar todas as brechas existentes geradas pelas restrições do banco de dados atual".

Algumas fazendas identificadas por estarem violando as regras do USDA foram autorizadas a se candidatarem novamente para participar do programa com penas reduzidas.

Em 2008, Ryan Fehr foi suspenso pelo seu certificador por falhar na manutenção de registros adequados na sua fazenda no Estado de Iowa, de acordo com documentos de apelação do USDA. Segundo esses documentos, ele foi readmitido em 2012, mas suspenso novamente no ano passado, depois de descobrirem que ele vendeu produtos como orgânicos em 2010, período em que estava descredenciado. O USDA fechou um

acordo com o produtor em 2013, permitindo que ele se candidatasse novamente ao programa após o pagamento de uma multa de US\$ 500.

Fehr não retornou os telefonemas da reportagem pedindo para comentar.

A agência tem adotado esse tipo de acordo com certa frequência. Nos nove meses encerrados em fevereiro de 2014, o número de acordos foi cinco vezes maior do que na média do período desde 2005, segundo análise do WSJ com base nos documentos do USDA. O porta-voz do USDA disse que esses acordos permitem que as agências "resolvam questões de conformidade de um modo que leva as empresas para o cumprimento das regras sem procedimentos administrativos caros e prolongados".

O caso de Fehr seguiu "o processo padrão exigido para operações suspensas serem analisadas para uma nova certificação", afirmou o porta-voz do USDA.

Alguns certificadores foram pegos violando as regras das agências governamentais. Em 2012, o USDA informou em uma auditoria que a empresa Quality Assurance International Inc., da Califórnia, o quarto maior agente certificador americano em número de operações certificadas, não conseguiu fornecer resultados de testes de pesticida para o Departamento de Agricultura.

Após o USDA ter repreendido o agente certificador, ele entregou os resultados, que mostraram que um cominho orgânico de uma operação certificada pela QAI estava contaminado com vários pesticidas, incluindo o carbamato, um inseticida cujo uso foi proibido em 2009 pela Agência de Proteção Ambiental americana em qualquer tipo de alimento.

A QAI informou que o incidente foi uma "exceção" única, que a certificadora apresentou os resultados ao Food and Drug Administration, ou FDA, a agência americana que controla alimentos e medicamentos, e ao Programa Nacional de Orgânicos e que as vendas desse produtor de cominho foram suspensas "até que medidas corretivas fossem adotadas".

O USDA informou que a firma "recebeu a notificação de não conformidade e adotou medidas corretivas para resolver a questão".

Monsanto investirá US\$ 150 milhões no Brasil. Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 11/12/2014

A Monsanto Brasil anunciou ontem que investirá US\$ 150 milhões no país durante o exercício fiscal de 2015, iniciado em 1º de setembro. Os aportes serão direcionados a pesquisa e produção de sementes, operações que têm como carros-chefes a soja e o milho.

No ano fiscal de 2014, a multinacional faturou no Brasil US\$ 1,8 bilhão, o que significou um crescimento de 15% em relação ao ano fiscal anterior. "Esse resultado está dentro do 'guidance' global de expansão da companhia de 10% a 15%", disse Rodrigo Santos, presidente da Monsanto Brasil, em evento com a imprensa realizado ontem em São Paulo. No mundo, a multinacional faturou US\$ 15,85 bilhões no ano fiscal de 2014, uma alta de 6,7% em relação a 2013.

Nos últimos dez anos, a multinacional de biotecnologia investiu no Brasil US\$ 1 bilhão, tanto em modernização de fábricas e unidades de produção de sementes como em aquisições (Alellyx/CanaVialis, do setor de cana-deaçúcar).

O último aporte foi em 2012, no centro de desenvolvimento tecnológico de Petrolina (PE), que recebeu investimentos de US\$ 20 milhões. No montante previsto para o Brasil em 2015, no entanto, a companhia afirma não ter em vista mais aquisições.

De acordo com o executivo, a Monsanto também dará início no primeiro semestre do ano que vem a um projetopiloto com 50 agricultores brasileiros para trazer ao país a Climate Corporation, a mais recente divisão da múlti que atua no segmento de tecnologia de informação para o produtor rural. Se o resultado do piloto for positivo, a intenção é entrar no mercado brasileiro com o serviço em até dois anos.

"O Brasil é o segundo país mais importante para a Monsanto depois dos EUA", disse Santos. Ele ressaltou que embora os segmentos de soja e milho sejam os carros-chefes em vendas no país, a plataforma de serviços para a agricultura será tão revolucionária para a Monsanto quanto foi a biotecnologia. "O 'big data' e a agricultura de precisão vão absorver a maior parte dos investimentos futuros da empresa".

No início desta semana, a Climate Corporation anunciou a compra da 640 Labs, startup baseada em Chicago, em sua estratégia de fortalecer a atuação da companhia na maximização de ganhos e otimização de recursos naturais dos produtores rurais através de tecnologia de campo.

Brasil questiona subsídios dos EUA para agricultura. Jamil Chade – O Estado de São Paulo, Economia e Negócios. 15/12/2014

Este ano, 1º de vigência da Farm Bill, subsídios americanos podem chegar a US\$ 10 bi, boa parte reflexo da queda das commodities

Agricultores americanos deverão terminar o ano com subsídios recordes de US\$ 10 bilhões. A partir de amanhã, na Organização Mundial do Comércio (OMC), o Brasil vai lançar dezenas de questionamentos contra o governo americano pela distribuição dos subsídios.

A cada dois anos, a OMC faz um exame da política comercial dos Estados Unidos e, desta vez, uma parte substancial das 80 perguntas enviadas por Brasília vai focar na agricultura.

Este ano era para ser o primeiro ano da nova Farm Bill, a lei americana que regula os subsídios. O novo esquema substituiria um programa que, por mais de 20 anos, distribuiu US\$ 5 bilhões aos agricultores, mesmo sem uma contrapartida.

Por anos, essa nova lei foi negociada em uma disputa entre aqueles setores que querem manter seus subsídios e parte da classe política que acredita que o mecanismo apenas distorce os mercados. A promessa da administração de Barack Obama era de que a nova lei cortaria de forma substancial os subsídios.

Mas com uma queda nos preços de commodities e o esforço de produtores de driblar as regras, as estimativas revelam que o mecanismo pode ter fracassado em lidar com as

distorções e que uma compensação com a ajuda do Estado está ocorrendo. Uma safra acima do previsto, como a de milho e outros produtos, permitiu a queda acentuada das cotações.

O ano deve terminar com um volume de ajuda aos produtores dez vezes superior ao que o Departamento de Agricultura dos EUA esperava e duas vezes as estimativas do Congresso. Apenas o setor do milho pode acabar o ano com uma ajuda de US\$ 6 bilhões diante de preços que estão em seu ponto mais baixo em cinco anos.

"A nova lei agrícola fez muito pouco para reduzir os custos", admitiu o deputado republicano Tom Petri.

Cobrança. Diante dessas previsões, o Brasil vai querer saber dos EUA como o país espera reduzir de fato a distorção no comércio agrícola, justamente no primeiro ano da entrada em vigor da nova lei. Exportadores brasileiros, que já passaram a ser afetados pela queda de preços, temem também ser prejudicados pela concorrência desleal dos EUA, principalmente na soja.

Mas o Brasil não se limitará a questionar esses pontos. O Itamaraty vai questionar as novas leis de antidumping dos EUA, a proliferação de barreiras técnicas, subsídios a outras áreas e os benefícios do governo americano à indústria em licitações públicas.

Outra preocupação do Brasil é a proliferação de acordos comerciais dos EUA com países emergentes. O Itamaraty quer esclarecimentos se esses acordos acabarão dando preferências ilegais a produtores de países parceiros, o que pode afetar as exportações nacionais. Na América Latina, acordos com a América Central e Peru estão entre as principais iniciativas dos EUA na região.

Agronegócio americano já vislumbra negócios com Cuba. Bettina Barros – Valor Econômico, Agronegócios. 18/12/2014

SÃO PAULO - A decisão da Casa Branca de normalizar as relações diplomáticas com Cuba deverá abrir às empresas americanas uma nova frente de negócio. A ilha caribenha necessita de tudo — ou melhor, “de tudo o que nós fazemos nos Estados Unidos”, segundo afirmou um executivo da Cartepillar —, incluindo alimentos e equipamentos agrícolas. Algumas empresas já mostram intenção de abrir representações comerciais no país.

A gigante Cargill, uma das maiores lobbistas para o fim do embargo, postou nas redes sociais sua satisfação com o desfecho das negociações, ao lado de fotos de executivos da companhia em visita recente à Cuba.

“Os dois países merecem a oportunidade de comercializar uns com os outros”, disse David MacLennan, CEO da multinacional, membro da Coalizão Americana de Agricultura para Cuba (USACC, na sigla em inglês), que reúne 20 associações agrícolas de peso dos Estados Unidos.

Um porta-voz da ADM afirmou que a companhia buscava oportunidades na ilha. “Se as regulamentações mudarem o comércio entre EUA e Cuba, nós estaremos prontos para nos adaptar para as novas oportunidades que surgirem”.

O diretor de assuntos corporativos da Caterpillar, Bill Lane, sintetizou seu otimismo dizendo que “Cuba necessita de tudo o que fazemos nos Estados Unidos”, afirmou à Dow Jones Newswires. Segundo ele, a companhia espera em breve uma representação em Cuba, de forma que comece a vender equipamentos agrícolas, de construção e mineração. “Ficamos tentando puxar uma nova política para Cuba por 15 anos”.

Desde que os EUA impuseram o embargo, as companhias americanas perderam acesso a um mercado de 11,3 milhões de consumidores localizados a poucos milhares de quilômetros das regiões produtoras americanas. Em 2013, os EUA exportaram o equivalente a US\$ 300 milhões em medicamentos e US\$ 3 bilhões em alimentos — ambos permitidos dentro dos moldes do embargo. Os valores mostram o potencial de mercado que se abre agora para os exportadores americanos.

Os esforços possibilitarão a exportação de alguns produtos e relaxarão restrições financeiras. Mas o embargo comercial total entre os dois países necessita ainda da aprovação do Congresso Americano. Por ora, os EUA poderão embarcar para Cuba apenas equipamentos agrícolas, materiais de construção e produtos utilizados pelo pequeno comércio.

De qualquer forma, o acesso a um mercado segregado por mais de meio século parece promissor também para os produtores rurais. Com o anúncio de ontem, eles passarão a exportar sua safra sem as restrições que tornaram o comércio burocrático e custoso com a ilha. “Há uma oportunidade potencial de negócio. E quando isso acontece, os agricultores americanos geralmente respondem positivamente”, disse o ministro da Agricultura, Tom Vilsack.

O segmento de arroz deve ser especialmente beneficiado. O consumo per capita do cereal é praticamente cinco vezes superior ao americano.

Bayer CropScience deve lançar nova soja transgênica após aval da China. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 19/12/2014

SÃO PAULO - A alemã Bayer CropScience finalmente avançará com seus planos para comercializar uma nova semente de soja geneticamente modificada, disse um porta-voz da companhia, depois de oficiais chineses terem oficialmente aprovado hoje o produto para importação.

A tecnologia, chamada Liberty Link (LL), aguardava o aval da China há sete anos, mas a Bayer optou por adiar o lançamento temendo que o material caísse em canais de exportação e perturbasse o comércio externo.

O gene Liberty Link, que confere à planta tolerância a herbicida, está aprovado desde 2010 pela Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) no Brasil. Mas, além do sinal verde da China, a empresa alemã ainda depende que as autoridades brasileiras liberem o registro do herbicida Liberty, ao qual a semente transgênica LL resiste.

A soja LL é uma alternativa à tecnologia Roundup Ready (RR), desenvolvida pela americana Monsanto, que torna as plantas tolerantes ao herbicida glifosato, mas que tem enfrentado problemas crescentes com a resistência de ervas daninhas.

Rússia vai impor tarifas sobre exportação de grãos. Dow Jones Newswires – Valor Econômico, Agronegócios. 22/12/2014

O governo da Rússia decidiu impor tarifas sobre as exportações de grãos, disse hoje o vice-primeiro-ministro Arkady Dvorkovich, de acordo com a agência de notícias Interfax.

O movimento ocorre em meio a preocupações com o rápido aumento dos preços dos alimentos no mercado doméstico, apesar de a Rússia ter colhido uma safra recorde de grãos este ano.

A inflação ao consumidor na Rússia alcançou quase dois dígitos por conta da rápida depreciação do valor do rublo, juntamente com a proibição de Moscou de importar alimentos de países que impuseram sanções à Rússia em função da anexação da Crimeia e do apoio aos separatistas no leste da Ucrânia.

China libera transgênico da Syngenta. Mariana Caetano – Valor Econômico, Agronegócios. 23/12/2014

A multinacional suíça Syngenta anunciou ontem que recebeu das autoridades regulatórias da China o certificado de segurança para sua tecnologia transgênica de milho Agrisure Viptera, concedendo formalmente a aprovação de importação do material. Em comunicado, a companhia detalhou que a liberação abrange o grão e subprodutos, como o DDG (resultado do processamento de milho para etanol, usado na alimentação animal).

A informação sobre o aval chinês à variedade geneticamente modificada da Syngenta fora antecipada na semana passada pelo secretário de Agricultura dos Estados Unidos, Tom Vilsack, após encontro realizado com oficiais chineses em Chicago.

O milho Agrisure Viptera, que carrega o evento transgênico MIR 162, confere à planta resistência a insetos. De acordo com a Syngenta, a tecnologia tem o sinal verde para cultivo nos EUA desde 2010, e também já foi autorizada em outros países, caso de Brasil, Argentina, Canadá, Colômbia, Paraguai e Uruguai. No Brasil, a restrição chinesa vinha limitando o plantio do Agrisure Viptera, que estava mais concentrado em Mato Grosso do Sul.

A múltipla suíça submeteu a tecnologia à avaliação das autoridades regulatórias chinesas em março de 2010. Além da China, o material já tem o aval de importação de países como Japão, Indonésia, México, Rússia e da União Europeia.

Até essa autorização chinesa, porém, os EUA enfrentaram problemas com o envio de carregamentos de milho que continham traços do MIR 162. Entre o fim de 2013 e início deste ano, calcula-se que ao menos um milhão de toneladas do grão tenham sido devolvidas pela China aos EUA por conta da detecção do evento transgênico da Syngenta nas cargas.

Essas devoluções levaram produtores agrícolas de 11 Estados americanos a entrarem com processos em tribunais federais contra a Syngenta nos últimos meses, em função das perdas financeiras com o retorno das cargas - avaliadas em US\$ 1 bilhão. A trading

americana Cargill ingressou com ação em um tribunal no Estado de Louisiana pelo mesmo motivo.

Tarifa sobre exportação de trigo na Rússia será de 15%. Camila Souza Ramos – Valor Econômico, Agronegócios. 26/12/2014

SÃO PAULO - O imposto sobre a exportação de trigo, anunciado no início da semana pelo governo da Rússia, será de 15% mais 7,5 euros, e não deverá ficar abaixo de 35 euros por tonelada, conforme determinações estabelecidas ontem pelo primeiro-ministro russo, Dmitri Medvedev, divulgadas pela agência estatal Itar-Tass.

A tarifa passará a ser aplicada a partir de 1º de fevereiro de 2015. Segundo Medvedev, a medida pretende estabilizar a situação doméstica dos grãos.

Desde julho, as exportações de grãos da Rússia já superaram as do mesmo período de 2013 em 30%, segundo o Ministério da Agricultura do país. Apenas nos últimos sete dias, os preços do trigo já subiram cerca de 5%.

Com a valorização do cereal, teme-se que os produtores deem preferência às exportações, provocando um desabastecimento interno.

A última vez que o governo russo impôs medidas para restringir a exportação de grãos foi em 2010, quando uma seca provocou uma forte quebra de safra.

China ainda resiste aos produtos transgênicos. Lucy Hornby – Valor Econômico, Agronegócios. 29/12/2014

Num pronunciamento há um ano, o presidente chinês, Xi Jinping, defendeu o desenvolvimento de culturas geneticamente modificadas como um meio de fortalecer a segurança alimentar em seu país. Mas mesmo ele foi evasivo ao afirmar: "Seja audacioso nas pesquisas, mas cuidadoso na promoção". Agora, a ala que defende os transgênicos na China conta com o apoio do presidente para a remoção de um obstáculo burocrático que empacou o avanço da tecnologia no maior consumidor de alimentos do mundo.

Após ondas de financiamento estatal, pesquisadores desenvolveram uma série de culturas e aguardam aval para comercializá-las. Mas a aprovação vai demorar a chegar enquanto a opinião pública e o que é mais importante, a burocracia, continuarem agindo contra. "Após aquele pronunciamento, a oposição aberta aos transgênicos diminuiu", diz o botânico Xu Zhihong, presidente aposentado da Universidade de Pequim. "Ainda há uma certa oposição, mas as discussões ruidosas pela internet diminuíram."

Na China, a segurança dos alimentos é uma questão sensível. A desconfiança dos produtos produzidos localmente é alta entre a classe média urbana, depois de uma série de escândalos - o mais sério dos quais foi a contaminação de leite em pó para bebês com melamina em 2008. Neste mês, a China adotou medidas para quebrar o bloqueio às importações de novas linhagens de culturas transgênicas, permitindo a entrada no país de um tipo de milho desenvolvido pela Syngenta. A americana Cargill chegou a processar a Syngenta após ter sido forçada, este ano, a redirecionar carregamentos da

semente com destino à China que ainda não haviam sido aprovados pelas autoridades do país asiático.

Mesmo assim, o ritmo das aprovações de importação de variedades transgênicas diminuiu. Isso frustra agricultores e tradings dos EUA, Brasil e Argentina, que hesitam em plantar linhagens que não podem vender para o maior comprador de grãos do mundo. "A sociedade chinesa está mudando", diz Zhu Zhen, cientista do Instituto de Genética e Biologia do Desenvolvimento, uma divisão da Academia Chinesa de Ciências. Ele ficou surpreso com a oposição que encontrou quando desenvolveu uma linhagem modificada de arroz. Mais de dez anos depois, ele ainda aguarda aprovação.

A oposição oficial vem de grupos do setor agrícola, especialmente dos produtores de soja do nordeste do país, das empresas de sementes, preocupadas com a concorrência, dos grupos nacionalistas, que temem a influência das companhias ocidentais de tecnologias agrícolas, e de grupos ambientalistas como o Greenpeace. Han Changbin, ministro da Agricultura, tentou amenizar as preocupações ao dizer, em março, que também consumia alimentos processados com materiais transgênicos". Em se tratando da China, foi uma admissão de forte impacto.

Han estava se referindo ao óleo de cozinha chinês, produzido em sua maior parte a partir de soja transgênica importada. Seu ministério prosseguiu com medidas para promover os alimentos transgênicos entre a população, que incluíram uma proibição aos fabricantes de alimentos de classificar seus produtos como "livres de transgênicos". "É preciso entender que a discussão sobre isso não está madura na China e é muito volátil", diz um

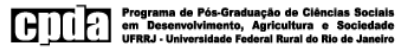
jornalista chinês que cobre a área de alimentos geneticamente modificados. "O pronunciamento de Xi Jinping encorajou os cientistas a discutir os transgênicos, pois caso contrário eles ficariam fechados em suas conchas."A maior parte do algodão cultivado na China é modificada geneticamente para combater uma lagarta. Mamões e alguns tipos de álamo (madeira usada como quebra-vento nas planícies do norte do país) também são em grande parte transgênicos. As linhagens de plantas transgênicas aprovadas na década de 1980 eram baseadas em técnicas originalmente desenvolvidas nos Estados Unidos, embora sejam consideradas de propriedade intelectual chinesa.

Mesmo que houvesse um consenso nacional, os transgênicos chineses não estão prontos para o plantio disseminado, apesar da visão de Xi Jinping de que a China precisa dominar os "setores-chave" da indústria. Por um motivo: a tradicional divisão entre as academias científicas e os negócios trabalha contra a comercialização.

Coordenador
Sergio Leite



Pesquisadores
Ademir A. Cazella, Andrey Cordeiro Ferreira,
Armando Fornazier, Catia Grisa, Claudia Job Schmitt,
Fábio Luiz Búrigo, Georges Flexor, Jorge Romano,
Karina Kato, Lauro Mattei, Leonilde Medeiros,
Nelson Delgado, Philippe Bonnal, Renato S. Maluf,
Silvia Zimmermann, Valdemar João Wesz Junior



Endereço: Av. Presidente Vargas, 417 / 8º andar
Centro Rio de Janeiro - RJ CEP 20071-003

Assistentes de Pesquisa
José Renato S. Porto

Telefone: 21 2224 8577 - r. 214
Fax: 21 2224 8577 - r. 217
Correio eletrônico: oppa@ufrj.br
Site eletrônico: www.ufrj.br/cpda/oppa

Secretária
Diva de Faria